

Indústria teme que retomada seja demorada

ISABEL DIAS DE AGUIAR

Não há perspectiva de retomada do crescimento do mercado até o final do ano, segundo avaliação de empresários. A temporada de dissídios coletivos, que se inicia em setembro, não deverá impulsionar a atividade econômica, já que boa parte dos reajustes salariais foi concedida a título de antecipação.

"Tudo indica que o Natal este ano vai ser bem mais fraco do que o do ano passado", afirma o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Carlos Eduardo Moreira Ferreira. Resta pouco a ser somado aos salários dos trabalhadores e na melhor das hipóteses os aumentos podem provocar um incremento de 10% nas vendas de fim de ano, acredita o presidente da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee), Nelson Freire.

"Não existe razão para otimismo", afirma o diretor do Departamento de Pesquisa da Fiesp, Horácio Lafer Piva. O maior impacto da política de contenção do consumo ocorrerá neste semestre, diz.

A tentativa do governo de atenuar os efeitos dessas medidas, pela redução dos depósitos compulsórios, não deverá surtir efeito este ano, acrescenta. "O governo deveria ter agido antes."

Com a queda do nível de emprego, o consumo tende a diminuir. Sem consumo, cai a velocidade da produção e dos investimentos, o que resulta numa oferta menor de trabalho, diz o diretor da Fiesp. Para ele, dificilmente esse ciclo será rompido em curto espaço de tempo.

"Não vi uma crise tão profunda em passado recente", afirma o empresário Mario Cortopassi, diretor do Sindicato Nacional das Indústrias de Máquinas (Sindimaq).